

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO FRIGO

Entrevistador: Edson Claiton Guedes, mestrando em história, cultura e identidade na Universidade Estadual de Ponta Grossa/ PR (UEPG).

Entrevistado: Frei Luiz Antônio Frigo. Frade Capuchinho da Província São Lourenço de Brindes do Paraná e Santa Catarina.

Local da entrevista: Florianópolis, Paróquia Santíssima Trindade. Bairro Trindade.

Mês/Ano: 07 de junho de 2016.

Edson Guedes

Muito bem. Vamos conversar com o Frigo. Frigo, nós vamos fazer [a pesquisa] sobre o seminário seráfico [naquele] aquele tema que eu tinha comentado com o Nelson [Bonassi]. Vou repetir pra você o tema da dissertação. Obviamente o tema é uma coisa muito generalizada depois a gente as vezes até muda, mas é sobre o Seminário Seráfico e as identidades sacerdotal e Franciscana na transição do Concílio Vaticano II. Nós sabemos que as determinações do concílio foram implementadas praticamente nas décadas de 1970, 1980 no Brasil. Foi um período de adaptação, digamos assim. E como ali era um seminário e portanto, um lugar de formação sacerdotal, então a gente vai conversar um pouco sobre isso [ou seja], seja essa relação do Vaticano II e o seminário Santa Maria.

Vamos dividir a entrevista em duas partes. Na primeira parte, vamos falar um pouco de você, sua vida, e na segunda, sobre seu trabalho no seminário como diretor.

Sobre sua vida, vamos conversar sobre o lugar de nascimento, quando nasceu, onde, o tempo que ficou no seminário (Santa Maria), formação, trabalhos que você fez depois.

Luiz A. Frigo

Meu nome é Frei Luiz Antônio Frigo, nasci em 29 de outubro de 1950 em Linha Bonita, perto de Capinzal/ SC, na curva do Rio chamado..[Rio do peixe] perto de Ouro. Cresci em linha bonita, um ambiente muito religioso, uma comunidade muito religiosa, e daquela comunidade tinha muitos freis e ao mesmo tempo muitas irmãs. Na comunidade linha bonita nós somos em praticamente cinco padres e um bispo, e tem dezessete irmãs, na comunidade Linha Bonita. Ali nasceu a vocação participando da comunidade, e eu me encantei muito com os missionários, e quem influenciou muito na minha vocação foram os meus familiares, meu pai e minha mãe. Meu pai era muito religioso e minha mãe também. O que aconteceu é que quando eu estava fazendo o terceiro ano primário tinha a doze anos e entrei no seminário com 12 anos pra fazer o quarto ano primário, lá em capinzal, no pré-seminário Nossa Senhora dos navegantes. Ali fiquei dois anos em capinzal depois vim para Irati, e vindo para Irati, sempre recebi estas influencias bonitas lá em capinzal, que tinha o Frei Zanini, Frei Ovidio Zanini, que era nosso vizinho, tinha o Frei Adelino Frigo, tinha o bispo de Palmas,

que também era dali, Dom [Agostinho] Sartori, então era uma comunidade onde tinha muitos padres e muitas irmãs e tudo nos ajudou sabe? Mas o que me encantou mesmo foram os missionários que passavam lá pelas missões. Os missionários capuchinhos eu gostei muito da maneira como eles trabalhavam e meu pai era muito comunicativo ele se relacionava muito e achava que uma vida como a dos missionários era uma vida que comunicar com muita gente, muitas pessoas e então eu me encantei com aquilo. Dai eu vim para Irati em 1965, por ai, e ali comecei a fazer a admissão ao ginásio. Ali estava presente o Frei Antoninho Rodrigues, o Frei Nelson Bonassi, responsável pela disciplina. E ai fiquei, fiz admissão ao ginásio e o segundo grau. O segundo grau era o clássico, estudava muitas línguas, se estudava muita parte da filosofia, matemática, estudava grego. O Nelson Bonassi foi meu professor de grego, me ajudou muito nesta parte, matemática ele dava pra nós. Estudamos muito isso! E completado o tempo de Irati, que foi um tempo muito bonito, cheio de atividade, nós éramos 140 ou 150 ou 170 conforme o ano, até 180 então foi uma vivencia muito grande. Em Irati eu fiquei oito anos: um ano de admissão, quatro de ginásio e mais três de clássico, oito anos em Irati.

Edson Guedes

Aham. Só perguntar uma coisa: você entrou bem no período do Concílio (vaticano II) né? 1965 e você ficou até 1973, como estudante. O que você percebeu, a respeito do Concílio, enquanto alunos.

Luiz A. Frigo

Nós percebemos a mudança na Igreja, os freis que comentavam, iam nos encontros, comentavam a mudança que ia acontecendo, implementavam a mudança também no seminário, principalmente a parte da espiritualidade. Antes rezava tudo em latim, mesmo quando tava em Capinzal a gente servia em Latim, aprendemos o latim pra isso, depois deixou-se de falar o latim, principalmente nas missas não é? Embora eu continuei estudando o latim, o grego, depois os freis cortaram a barba, tiraram a batina, então tudo foi uma novidade que foi acontecendo, houve uma adaptação e eu acho, acho não, necessária, e isso também foi refletindo porque **alguns resistiam**, mas acontece que os documentos da igreja eles orientavam tudo para essa direção de celebrar a missa em língua vernácula, que chamava naquela época, e ai, foi acontecendo lentamente que nós fomos assimilando e ficou tudo normal, todo mundo aceitou.

fv

Edson Guedes.

Então como Estudantes, para vocês, não mudou muita coisa porque vocês entraram já nesta nova...

Luiz A. Frigo

É, nós como estudantes fomos assimilando e ficou bom, não teve choque ideológico, ou choque de cultura. Fomos assimilando e fomos tocando e, um ou outro frei que resistia, nós nem notávamos isso e tocamos pra frente. Foi uma mudança assim muito lenta e normal. Ela veio... foi uma mudança global, da igreja, então pra que ficar brigando e batendo de frente?

Edson Guedes

E sobre tua formação pós a filosofia e teologia, como foi?

Luiz A. Frigo

Eu sempre tive um viés para educação. Desde casa sempre gostei trabalhar com educação, então fui a Ponta Grossa. Em ponta grossa fiz 3 anos de filosofia, gostava muito da filosofia porque na filosofia nós tínhamos bons professores na filosofia, de maneira especial o que marcou muito a nós foi Frei Eurico de Melo, Frei Armando Comina. Eu lia muito e era muito orientado por frei armando Comina, porque ele tinha uma biblioteca imensa, apesar que tinha um pouco de dificuldade nas aulas, mas ele orientava e deu uma cosmovisão extraordinária, tanto Frei Eurico como Frei Comina. Eu aprendi muito na filosofia, principalmente antropologia filosófica, isso me ajudou muito, me ajuda até hoje, o aspecto da antropologia filosófica. Depois começamos a teologia e reuniu-se todos em ponta grossa, todos os grupos de filosofia e teologia e noviciado era feito em ponta grossa, fizemos o noviciado em ponta grossa e depois começamos a teologia. Na teologia teve um ano de estágio em Uraí, cuidando do Seminário. Parei a teologia para fazer o ano de estágio em Uraí, ajudando no seminário. Praticamente eu era quase que o diretor do seminário. O diretor era o frei Justino [Stolf], mas eu cuidava do seminário. Eram 63 seminaristas nós tínhamos lá, em Uraí. Eu fiquei um ano lá. Depois voltei, completei os estudos de Teologia e ai depois me ordenei, em 1978. Mas sempre gostei de lidar com a parte de jovens, de educação, então isso me ajudou muito.

Edson Guedes

Depois de ordenado você voltou pra Irati?

Luiz A. Frigo

É, meu desejo não era voltar a Irati. Meu desejo era ser missionário, sempre tinha sonhado em ser missionário. Eu queria ser missionário, até hoje nunca fui, nunca me deixaram ser missionário. Mas isso não me revoltou, eu aceitei. Dai fui para Irati, fui no seminário para dar aula. Dava aula de manhã, trabalhava a tarde com os alunos e a noite fazia faculdade. Eu fiz pedagogia. Solicitei um tempo para me aprofundar já que tava trabalhando ali, e ai fiz pedagogia, na Unicentro agora, que era Fecle antigamente, agora é Unicentro. Fiz pedagogia ali durante 3 anos estudava a noite. De manha eu dava aula e como tinha muitas aulas na universidade, eu pegava estas aulas da universidade e fazia estas aulas pros alunos. Eram aulas interessantes. Dei aula de estatística, durante 3 anos, economia e mercado, era outra, como

o mercado era outra, como o mercado se desenvolve no mundo, e o trabalho de gestão, trabalhava com isso com os alunos; dava aula de espiritualidade franciscana e também a vida dos santos. Cada semana tinha um santo pra gente orientar os alunos, fazia este trabalho e me ajudou muito também porque tinha que pesquisar a vida dos santos, especialmente os santos capuchinhos, e trabalhava a tarde com eles. A tarde eu desenvolvia o trabalho junto com eles, principalmente na parte agrícola. Nós tínhamos toda a parte da alimentação, que implementamos. Como eu também trabalhava na parte da gestão e na parte da economia, eu tinha uma ideia muito interessante porque tinha uma experiência que trazia de casa, da região de Capinzal onde tinha a perdigão depois meu pai morava em Concórdia/SC onde tinha a Sadia, então juntava muitas ideias e implementamos no seminário Santa Maria junto com os freis lá, eramos em 6 freis mais os funcionários, principalmente o frei Antoninho Manzoqui, montamos um esquema de ser autônomos. O seminário ser autônomo, se tornar mais independente da província, mas com todos aqueles alunos que tinha, 140, 150, 160 alunos tínhamos que ser autônomos. Colocamos isso como meta, e para sermos autônomos montamos todo um esquema. O esquema foi de sermos auto-suficientes em tudo, pra não depender da província e fazer com que a auto-suficiência não fosse um peso, mas fosse uma medida pedagógica. Como eu fazia pedagogia eu trazia as ideias pedagógicas para o seminário e nos tornamos autônomos verdadeiramente em todos os sentidos, até para pagar os professores. **No que consistia esta autonomia?** Fazer com que os alunos estudassem de manhã, tivessem três horas de trabalho por dia, começando ali as duas horas da tarde, mais ou menos, até as cinco. Tinha um lanche, depois tinha o banho depois tinham o estudo. Então estas três horas por dia, bem divididos, com trabalho bem feito, acompanhado, remunerado, nós mantivemos a nossa caminhada de autonomia. Então nós tínhamos, o leite, em torno de 40 ou 50 vacas, depois tínhamos os suínos, entramos em contato com pessoas que doavam milho em ponta grossa, caminhões de milho por ano, tínhamos a carne toda produzida no seminário, quatro ou cinco porcos por mês, mais uma vaca por mês, montamos uma geladeira, um frigorífico em casa, tínhamos plantações, mandioca, milho, verduras. Fizemos então uma horta sustentável, ecológica, usando o adubo do lugar, então desenvolvemos verdura, depois tínhamos o parreiral, com produção de vinhos, fazíamos o vinho da nossa uva depois comprávamos uva em Caçador/SC, fazíamos três ou quatro mil litros de vinho por ano, fui fabricante de vinho!

Edson Guedes

Vendia esse vinho?

Luiz A. Frigo.

Para o nosso consumo e depois vendia também. Depois tínhamos também a produção de mel, como fui marceneiro, também desenvolvemos uma produção de mel, junto com um parceiro, tínhamos cento e trinta caixas de abelhas, produzíamos setenta ou oitenta latas de mel por ano, para nosso consumo, e depois tínhamos batata-doce, plantávamos milho, verdura, assim

por diante. Depois entramos em contato com o Frei Jaime de Irati, que era pároco, para que no mês de janeiro nós fizéssemos uma coleta na paróquia. Ele abriu a possibilidade, benzemos todas as casas e fizemos uma coleta de feijão, arroz e milho durante o mês de janeiro. E conseguimos sempre, todo ano, ao redor de trezentos sacos de feijão, e esses sacos de feijão nos recebíamos e nos usávamos ao redor de quarenta ou cinquenta sacos de feijão por ano, e o restante do feijão nos vendíamos e com o dinheiro que entrava nós comprávamos a farinha de trigo, comprávamos o arroz, e que dava pro ano inteiro. Então a coleta do arroz, a coleta que fazíamos do feijão, nos ajuda muito. Neste sentido o frei Jaime nos ajudou de maneira extraordinária em Irati. Depois **implementamos dentro do Seminário a fabricação dos terços, que o frei Nelson já falou, a fabricação dos terços, a fabricação de velas, mas daí ampliando e trabalhando de uma maneira profissional. E aí ampliamos, compramos as máquinas, nós produzíamos muito material, muitos terços, muitas correntinhas, fabricamos tudo, tinha sete ou oito máquinas. Nós chegamos um ponto de sermos autônomos, pagar todas as nossas dívidas, nos mantermos, termos comida em abundância.**

Edson Guedes

E quantos alunos tinha, mais ou menos?

Luiz A. Frigo

Cento e quarenta, cento e quarenta e cinco, cento e cinquenta alunos. Fazíamos que eles estudassem de manha, implementamos neles que o trabalho era para seu auto-sustento porque eles pagam pouco. O pagamento deles era muito restrito, então ...

Edson Guedes

Eram todos que pagavam?

Luiz A. Frigo

Quem podia pagava. Os mais pobres se justificavam, não podiam pagar. Mas daí fomos recebendo esta recompensa do trabalho e aquilo que nos poderíamos nos auto-sustentar nos sustentava. Depois nós tínhamos em casa a padaria, lenha que ... tínhamos uma parceria com as irmãs de sete alqueires de bracatinga, nos cortávamos um alqueire por ano e aí ia. Tínhamos a lenha, tínhamos água quente, tínhamos a padaria e assim funcionava. Chegou um momento que nós tínhamos uma grande reserva em dinheiro. Chegou um momento que tínhamos mais dinheiro nós que a província, pra nos manter. E colocamos umas metas bem claras que todo ano nós precisávamos trocar um carro ou dois, sempre nós trocávamos. Um carro não passava mais de três ou quatro anos, sempre tinha um carro novo pra manter também a nossa vida. Nós os freis vivíamos muito bem. Éramos seis, sete freis, fizemos este trabalho imenso. Desenvolvemos também a parte cultural, a parte musical, e se precisasse de professor contratávamos

professores de Irati que pudesse nos ajudar. Então essa parte pedagógica da universidade implantada no seminário nos ajudou muito. Este é o aspecto estrutural.

Edson Guedes

E o que você acha que deve o término do Santa Maria. O que houve que não funcionou mais a estrutura?

Luiz A. Frigo

A estrutura ela funcionaria. A grande problemática do seminário é que ele não é uma casa isolada. Nós estamos dentro de um contexto social, mundial. E dentro do contexto social brasileiro, latino americano e também do Paraná e Santa Catarina. É uma mudança da cultura, é uma mudança da maneira de ser da sociedade. Porque no passado a grande maioria daqueles jovens estudantes eles não tinham onde estudar. Não tinha escola pública, o pessoal vinha do interior e no interior não tinha faculdade, não tinha nada. Tinha só o primeiro grau completo, o segundo grau não tinha. Então o que acontece, a grande maioria, vivendo em comunidades onde os freis estavam, a grande maioria vinham para o seminário com vocação para estudar, mas depois que acaba seu estudo, faziam até a oitava série, fazia o segundo grau, a grande maioria desistia. Então o seminário era um lugar muito bom e barato para estudar, este foi o (líite motive) motivo básico. Então entravam ali no primeiro ano do segundo grau vinte cinco ou trinta e quando chegava na hora de ir para filosofia, desses vinte e cinco ou trinta ia sete, oito, nove. O pessoal vinha para estudar, era um estudo bom e barato, porque realmente o estudo era muito bom. Era muito caprichado, uma revisão constante, por parte do conteúdo, uma revisão muito.. então a maior parte vinha para estudar. Então percebemos que nós eramos uma instituição muito bem estruturada, uma instituição com muito acolhimento, tendo toda uma infraestrutura, da parte de saúde também porque tínhamos um contato com o hospital de Irati, tínhamos uma enfermeira, uma irmã que era enfermeira que ela vinha. Ela montou ali no seminário também um pequeno quarto onde ela atendia, um consultório que tinha dois, três rapazes que trabalhava junto com ela. As doenças básicas que dava para ser tratada era tratado ali então tínhamos toda uma infraestrutura. Nós percebemos que com todo esse envolvimento na verdade o objetivo final que era para o jovem ser sacerdote, ser franciscano, nós não alcançávamos. Praticamente oitenta por cento do pessoal do seminário saindo do Santa Maria ia embora. Depois indo lá pra filosofia e teologia sobrava aí dois ou três por cento. Então tornou-se inviável. Mas por causa da abertura da sociedade e depois aos poucos foram chegando ginásio no interior, os colégios foram se ampliando e nós percebemos que estávamos fazendo um buraco na água. Trabalhando, trabalhando, mas o resultado final era mínimo, então lentamente nós fomos tentando reduzir e buscando outro caminho, buscando outras alternativas.

Edson Guedes

O Nelson falou sobre a disciplina do seminário. Disse que quando ele entrou era muito dura, muito pesada, muito forte. Será que após o concílio, como

houve essa mudança da estrutura seminarística (modelo de formação), porque já não era mais aquele modelo tridentino, mas via a possibilidade de colocar um outro modelo, será que esta mudança não amenizou a situação [e favoreceu que os seminaristas não se sentissem obrigados a permanecer, sem peso de consciência] ?

Luiz A. Frigo

Com certeza o modelo mudou, mudou muito. Fazendo pedagogia nós aplicávamos no seminário muitas dessas orientações pedagógicas sem ser um modelo de pedagogia dogmática, onde o dogma vale e pronto. Não, começamos a fazer com que houvesse uma pedagogia mais participativa, mais orientativa, fazer grupos de conversa com os estudantes, escutar a opinião deles também, entende? Todo um caminhar diferente. Lentamente fomos colocando isso do ponto de vista da participação, da distribuição. Tanto é verdade que todos os finais de semana fazíamos uma revisão de como foi a semana, o que foi bom durante a semana, quais são as propostas novas que vinha também da base deles, o que podia ser melhor. Então se tornou uma pedagogia muito mais participativa, ouvir os estudantes também, suas reivindicações, o tipo de comida, o que está bom ou que não está, o que podíamos melhorar na parte do dormitório, as roupas se estavam sendo bem lavadas ou não, quer dizer, começamos a escutar o clamor deles também. Então eles sentiram-se valorizados também.

Edson Guedes

Como você foi estudante [no Santa Maria] no período pós-conciliar e pegou um bom tempo e depois como diretor, quando estudante, você lembra de alguma coisa que pensava “talvez isso podia ser diferente” e quando diretor tenha implantado esta mudança?

Luiz A. Frigo

Muitas, muitas coisas. Uma delas é a respeito dos horários muito fixos, sabe. Outra coisa era a respeito do tipo de punições. Se a pessoa faz isso, tem isso; se não faz isso tem essa restrição, fazia-se isso antes.

Edson Guedes

Que tipo de punição tinha?

Luiz A. Frigo

Eram punições do tipo, a pessoa ficar sem praticar esporte, você vai ter que ficar estudando hoje a tarde, na hora do esporte você vai estudar porque você não tirou a nota necessária, são coisas assim, que marcava também a vida das pessoas. Não eram punições físicas, punições orientativas. Isso quando fui estudante. Depois [quando foi diretor] mais do que ficar dando castigo assim, nós entramos com a pedagogia do diálogo. A pessoa tá com aquele problema assim então tem o seu orientador. O orientador chama.

Chama o orientador e [pergunta]: o rapaz, o que esta acontecendo? Tá acontecendo isso e isso! Então mais do que punir é orientar e escutar o rapaz que estava envolvido em algum problema. A Parte do diálogo, da orientação, da escuta, ela tomou conta dessa parte orientativa.

Edson Guedes

Isso você implantou depois que você fez o curso em Roma?

Luiz A. Frigo

Não. O curso em Roma fiz depois de sair de Irati.

Edson Guedes.

Você já tinha leitura sobre o Paulo Freire, neste período?

Luiz A. Frigo

Já, na universidade. Tinha contato com Paulo Freire, mas não conhecia muito. Mas não só, também as correntes pedagógicas que a gente estudou, Piaget, o estruturalismo, o liberalismo americano e tudo isso ajudou muito. Fazendo um filtro também com a chamada formação franciscana, que é muito leve e muito humana, principalmente estudando o Boaventura [são], que foi o grande pedagogo franciscano.

Edson Guedes

Os seminários eram criados para fazer o padre não é? Mas ali no caso era um seminário religioso [também]. Você percebia uma ênfase no período de formação, ou depois, quando você foi diretor, sobre esta questão religiosa, tipo: Vamos primeiro formar o religioso pra depois formar o padre ou ainda não tinha esta distinção e o objetivo era formar o padre?

Luiz A. Frigo

Não, o objetivo era formar o padre religioso. Era junto, não era separado, primeiro formar o religioso depois o padre. Era uma formação conjunta. Então nessa formação do religioso e do padre junto nos íamos formando e depois quando chegava numa certa altura da vida, se alguém optasse por ser só religioso, podia optar. Mas o religioso também precisava de uma formação. Não pelo fato de ser religioso que ele não tinha que ter uma formação, era uma necessidade premente. Muitos deles faziam o ginásio, o segundo grau. Alguns faziam filosofia em ponta grossa também e depois optavam em não ser padre, ser só religiosos. Alias, é um dos pontos que eu bato fundo hoje: querer ser religioso na província não pode não querer ter uma formação. Ser religioso tem que ter uma formação. Caso contrário vai atrapalhar a vida dele e vai atrapalhar a vida dos outros e vai atrapalhar a vida da igreja.

Edson Guedes.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, já estávamos em torno de 15 anos do concílio, na província, o que você percebeu assim de implementação nova vinda do concílio com relação a formação ?

Luiz A. Frigo

Na província o que a gente via com relação a formação, é que crescia uma abertura ao diálogo, principalmente que nós estudantes, quando chegamos em Ponta Grossa, saindo de Irati e agora em Ponta Grossa, que houvesse uma formação que pudesse ser inserida, e que ela não ficasse isolada. Mas em todos os sentidos, dentro das nossas aulas, que houvesse uma formação séria, filosófica, teológica, espiritual muito séria, mas ao mesmo tempo que ela não ficasse distanciada da realidade. E tanto é verdade que nós tínhamos sempre no final semana, pastoral, junto com as comunidades em Ponta Grossa, participamos de encontros, e durante as férias nós tínhamos estágio. Os estágios que eram praticamente de vinte dias no mês de julho e quase um mês no mês de dezembro e janeiro, mais janeiro, um mês. Nós saímos então...Por isso que existe este grande legado do Frei Eurico de Melo a respeito da Jufra, nós trabalhávamos. Ele fazia uma orientação, uma distribuição dos freis no Paraná e Santa Catarina, nas paróquias. Nós íamos, trabalhávamos com os jovens, trabalhávamos com os freis. Eu fiz isso praticamente durante sete anos, trabalhando com os jovens. Então isso nos colocava diante da realidade das paróquias, víamos como os freis trabalhavam nas paróquias. Não era só ir lá dar palestra, mas também ver como eles trabalhavam. Além de dar os treinamentos, nós tínhamos que treinar antes, tínhamos que nos preparar profundamente antes, de dar o treinamento. Em casa tínhamos que estudar, preparar, ver o material, pra chegar naquele encontro de uma semana com os jovens e ter bagagem. Isso nos ajudou muito, nos aprimorou muito, principalmente na necessidade de fazer síntese. Pra não chegar e dizer qualquer coisa, mas dizer o conteúdo, isso nos ajudou muito. E depois o confronto, você apresentava isso aos jovens e eles faziam perguntas: "o que vai acontecer?". Então isso nos desenvolveu também no ponto de vista da espiritualidade franciscana, que se tornou teórica, mais [também] prática. Acontece que essa teoria muda a prática, mas a prática também muda a teoria, o inverso também é verdadeiro.

Edson Guedes

Vamos falar do final de Irati [do seminário]. Oitenta e sete terminou? chegou um momento que vocês disseram assim: "não dá mais vamos encerrar"?

Luiz A. Frigo

Justamente. Eu fui uma pessoa bastante revolucionária. Me considero uma pessoa bastante revolucionária. Vivendo ali em Irati, sendo diretor, eu fui diretor praticamente, durante cinco anos. Quando chegou ao final do terceiro ano, nós tivemos a visita do Frei Flávio Carraro, que era o ministro geral. Ele visitou a província, visitou tudo então, na reunião que tivemos lá em Irati, eu expus para o frei Flávio Carraro que este nosso modelo produziu muitos

frutos no passado, mas é um modelo que se esgotou. Não é que fracassou, é diferente, é um modelo que se esgotou. No processo evolutivo da educação, foi um modelo que se esgotou dentro da província e dentro da igreja. Este estilo não dá mais. Acontece que os freis levaram um choque, os freis levaram um choque muito forte, e tanto é verdade que quando expus isso numa assembleia de educadores na praia, no mês de janeiro, quando eu disse que nós íamos tentando assim colocar as coisas para fechar o seminário Santa Maria, quase fui enxotado lá da assembleia. O Pessoal não gostou! Achou que era uma ideia louca, revolucionária, que não ia funcionar, e quando frei Flávio Carraro ele veio e fez esta visita e nós expusemos pra ele que este modelo ele não fracassou, é o modelo que se esgotou. Existe uma diferença entre esgotamento e o fracasso. É o processo evolutivo da educação, diz que esse modelo não serve mais e temos que buscar outro modelo, e outro modelo não existe! Então quando um modelo ele se esgota e outro não existe, cria nas pessoas que estão envolvidas, cria uma situação de incerteza, de deságio, como se diz em italiano, cria uma situação de mal estar. Porque um modelo se esgotando e outro não existindo, então fica um vácuo, e ficou este vácuo. Então o frei Flávio Carraro como [ministro] geral disse: “olha, eu entendo, tá acontecendo isso em muitos lugares, agora, façam aquilo que achar melhor. Decidam vocês da educação da província e vocês tem minha benção para aquilo que vocês fizerem”. Ele não foi contra nem a favor, jogou em nossas mãos. Então quando falamos isso que nós íamos fechar o seminário Santa Maria, criou uma situação assim muito constrangedora sabe, porque, fechar uma instituição como essa, [tinha uma situação sentimental, cultural]. Então chamamos o prefeito de Irati, lembro que chamei o prefeito de Irati, tal de Totti, e me encarreguei de avisar ele: “olha Totti, nós estamos lentamente, desativando esta casa aqui, e vamos buscar outro modelo, que não existe, mas vamos buscar outro modelo”. E o que acontece? O prefeito de Irati, o Totti, ele ficou muito revoltado. Ele falou: “isso não vai acontecer”. Me lembro ainda até hoje, embaixo de um pinheiro na frente do Seminário, que falei isso pra ele, e ele disse: “isso não vai acontecer, vocês não vão sair daqui”. Ele ficou muito ofendido até zangado. Eu falei: “Totti, olha, é o imperativo da história. Os seres humanos caminham para um estado evolutivo e não tem retorno”. Ele ficou meio assim... e eu falei: “e tem mais uma coisa, posso lhe dizer de uma forma até profética, aqui vai ser uma universidade, aqui vai funcionar uma universidade no futuro”. Ele disse : “ah não é possível. Aqui funcionar uma universidade? Nunca! Nesta distancia de Irati, quase oito, dez quilômetros. Neste lugar abandonado, longínquo. Aqui não vai acontecer nunca uma universidade”. Eu falei: “vai acontecer. Não sei como vai acontecer, mas vai acontecer uma universidade aqui um dia”. Eu falei isso pra ele! E lentamente foi indo, foi indo. Ai eu falei pra ele: “eu tenho uma determinação comigo que ninguém segura o poder de uma ideia. Não existe força maior que o poder de uma ideia. Ela nasce, se desenvolve e chega uma hora que ela cresce, floresce, se desenvolve e produz seu fruto. Ninguém segura o poder de uma ideia, pode demorar, mas uma hora ela estoura”. E foi indo foi indo e dito e feito, fechamos o seminário, vendemos, ficou três anos fechado o seminário, colocamos uma família cuidando lá para que ninguém invadisse, roubasse, e uma hora veio a prefeitura de Irati e quis comprar o seminário pra fazer faculdade. Transferir aquela que era que eu fiz lá em Irati, a Fecle, para a Unicentro depois que fez

uma parceria com universidade de Guarapuava e se tornou a Unicentro e hoje tem lá quase vinte e poucos cursos, e tá funcionando como uma grande universidade. E hoje, as pessoas de Irati se tornaram profundamente alegres. A maior indústria de Irati, a maior empresa, é a universidade, a Unicentro. Tem lá sete, oito mil alunos, com dezoito, dezenove, vinte cursos, não tenho bem certeza. Tem o melhor curso de engenharia florestal do Brasil, tá em Irati, onde teve um grande congresso agora, onde estiveram presentes muitos cientistas do mundo inteiro, o frei Beto esteve presente, o Leonardo Boff também devia estar presente mas não pode. Diante da grande emergência climática hoje, e principalmente no cuidado das florestas, Irati se tornou um ponto referencial porque eles tem uma parceria com a Alemanha.

Edson Guedes

Tá certo. Importante que aquilo que era pra ser feito, foi feito não é? Obviamente teve seus percalços. Tem todo o sentimento porque muitos trabalharam com as próprias mãos no seminário para construir, e tomar uma decisão de fechar uma estrutura daquele tamanho, e não só a estrutura, mas também o que ele representava. Mas, como você disse, o modelo se esgotou e a própria igreja mudou. No concílio se propôs que buscasse outras formas de formação, e o Brasil foi pioneiro neste sentido, não?

Luiz A. Frigo

Neste sentido, nós tentamos nos adaptar a esse esgotamento, mas ao mesmo tempo pensando um novo modelo. E aí este novo modelo foi pensado e nós montamos o centro vocacional, em ponta grossa, onde buscássemos ter um centro coordenar onde os jovens fizessem o primeiro e o segundo grau em casa e tivesse uma rede. Foi um trabalho em rede, com o centro vocacional e depois todas as equipes vocacionais nas paróquias, que são o SAV hoje, o serviço de animação vocacional, que está nas paróquias. Então uma parte central, dividido em rede, buscando o sistema vida, o sistema vida trabalha em rede, que nós tivéssemos um centro vocacional que não só os freis trabalhassem mas os leigos fossem envolvidos na parte de preparação dos futuros freis. O centro vocacional com o SAV em cada paróquia envolvido um frei cada paróquia, e junto com eles os leigos, que hoje temos ali ao redor de duzentos e cinquenta, quase trezentos leigos que trabalham na parte vocacional com um frei que coordena. Eliminamos um modelo mas não ficamos no vácuo, mas montando outro modelo para que substitua, que hoje este modelo está instalado na paróquia da imaculada em ponta grossa. Eu saí de diretor de Irati e fui para vila oficinas em ponta grossa pra montar este modelo do centro vocacional. Depois, como os missionários saíram da Imaculada nós fomos para imaculada, e hoje tá funcionando o centro vocacional que passaram várias pessoas, um frei que vai coordenando isso. Quer dizer, o modelo educativo, aquele se esgotou, mas nasceu outro. Não ficamos no vácuo, ele é mais participativo, mais dialogável, ele é um modelo também que não é tão custoso, entendeu? Porque também os serviços eles são distribuídos entre os freis da província, os gastos também são distribuídos, nos SAVs, nas paróquias, não é isso? Agora, é um modelo que precisa ainda hoje, precisa ser trabalhado, precisa ser construído,

precisa evoluir, precisa amadurecer, ver as fragilidades para buscar novas alternativas e por ai estamos trabalhando. Tudo isso tem uma historia e uma historia bastante sofrida no sentido de fazer com que as pessoas aceitassem esta passagem porque, diante de uma ideia nova, todos os seres humanos, diante de uma ideia nova, a primeira reação é dizer não. A primeira reação é dizer é se colocar em estado de defesa, em todos os lugares. Não só, mas defender seus pontos de vista porque a idéia ela é sempre desestabilizadora, é provocante.

Edson Guedes.

Muito Obrigado Frigo pela entrevista.

Luiz A. Frigo.

Só para concluir então, de todos esse histórico eu me sinto profundamente alegre, profundamente feliz animado, tendo resistência, mas isso faz parte. O que mais importa é que a vida não para, a vida é muito mais forte que os sistemas que os seres humanos criam, e os sistemas são passageiros mas o sistema vida vai muito mais além, e hoje nós franciscanos diante dessa realidade toda temos um patrimônio imenso, e uma espiritualidade fantástica, através dessa espiritualidade está contagiando toda a criação, contagia todo sistema vida, contagia toda a humanidade e tanto é verdade que os sistemas humanos hoje, tanto do ponto de vista civil quanto do ponto de vista religioso vão beber na fonte franciscana. Antigamente Assis ia a Roma, hoje Roma vai a Assis. A ONU vai buscar luzes onde? Vai buscar em [São] Francisco: Francisco padroeiro da ecologia, Francisco homem do milênio, Francisco padroeiro da paz e assim por diante. Quer dizer, o aspecto racionalista e fechado, bom mas fechado, isso terminou. Busca-se hoje um outro modelo de civilização, outro modelo de educação que seja participativo, que seja emergente, onde não tenha dentro do sistema a exclusão. É preciso que se inclua todos os seres e todas as pessoas. Então, é um sistema novo que precisa ser criado e, aliás, só pra concluir, hoje há uma necessidade de reeducar a humanidade em todos os sentidos, para que se salve o sistema vida e onde a pessoa está. Mas reeducar o que? Tudo! A humanidade precisa ser reeducada em todos o sentidos, em todos os sentidos. Desde a alimentação, desde a maneira de viver, na maneira de ensinar, os seres humanos precisam ser reeducados. Isso é um imperativo hoje. É isso!